

Publicações do Centro de Estudos Bahianos

- 1 — *Capelas antigas da Bahia* — Profa. Anfrisia Santiago
- 2 — *O primeiro teatro do Brasil* — (Docs. de 1833) — Affonso Ruy
- 3 — *Um discurso de Silvio Romero* — José Calasans
- 4 — *O príncipe de Joinville no Brasil* — Frederico Edelweiss
- 5 — *A Colônia Leopoldina (1858)* — Herman Neeser
- 6 — *O Cacaú na economia brasileira* — Frederico Edelweiss
- 7 — *O cronista e a crônica do Brasil* — Alberto Silva
- 8 — *Um depoimento diplomático* (correspondência do consul americano da Bahia — 1821 - 1823) e Cid Teixeira.
- 9 — *Amor de príncipes (1843)* — Affonso Ruy
- 10 — *O processo dos eclesiásticos da inconfidência mineira* — Alberto Silva.
- 11 — *Estadistas bahianos do império* — Affonso Ruy.
- 12 — *Um Documento Inédito Sobre as Fortificações da Cidade Salvador* — Alberto Silva.
- 13 — *Padroeiros da Cidade do Salvador* — José Lima

Toda correspondência deve ser dirigida ao Secretário Dr. Affonso Ruy, à Praça Almeida Couto n.º 9. — Salvador - Bahia

Centro de Estudos Bahianos

JOSÉ CALASANS

A GUERRA DE CANUDOS
NA POESIA POPULAR

Publicação

14

SALVADOR - BAHIA

A GUERRA DE CANUDOS NA POESIA POPULAR

(DOCUMENTÁRIO FOLCLÓRICO)

José Calasans

Canudos é um momento difícil da vida brasileira. A campanha contra Antônio Conselheiro, que Euclides da Cunha fixou em livro magnífico, movimentou e preocupou o Brasil, fazendo convergir para os sertões baianos as atenções do nosso governo e do nosso povo.

No ano de 1897, quando a crise sertaneja atingiu seu ponto mais alto, o brasileiro não pensou noutra coisa senão naquela surpreendente e heróica resistência dos jagunços aos ataques das tropas aguerridas do exército nacional. Houve, então, a necessidade da mobilização dos recursos nacionais para a completa destruição do fanatismo conselheirista. Por seu turno, numa atitude suicida, o homem do *Belo Monte* empregou todas as forças ao seu alcance para conter os soldados vindos do litoral, defensores da ordem republicana, que a exaltação dos espíritos considerava seriamente ameaçada.

Numa mobilização geral, como no caso em apreço, também são convocados os poetas. A lira é arma de combate em muitas oportunidades. Versejando e cantando, o vate e o cantor contribuem para a vitória do seu grupo, exaltam seus heróis, ferem fundo os adversários, amenizam a desdita da grei. E' sempre bom versejar e cantar.

*Quem canta seu mal espanta
Cantar ajuda a viver.*

Ajudando a viver, consequentemente ajuda a lutar. Sabiam desta verdade os brasileiros de ambos os lados que se bateram nas



caatingas do sertão. Cessada a luta terrível, continuaram os trovadores rememorando os fatos, recordando as figuras principais. O ciclo poético de Canudos avançou pelo tempo. O vulto histórico do Conselheiro passou para o domínio do folclore. Canta-se, hoje, em Cruz das Almas:

Antônio Conselheiro
Vai guiando um avião
Chorei, chorei.

Há, portanto, um grande número de composições da poética anônima que constituem o *cançãoeiro histórico de Canudos*. Baseado em peças já registradas por alguns pesquisadores nacionais e, sobretudo, no material recolhido na tradição oral, consegui reunir um documentário apreciável, que noutra ensejo tentarei interpretar. Por enquanto, apenas o documentário.

1
Do ceu veio uma luz
Que Jesus Cristo mandou
Sant'Antonio Aparecido
Dos castigos nos livrou

(Sergipe - Silvio Romero)

2
Quem ouvir e não aprender
Quem souber e não ensinar
No dia de juízo
Sua alma penará

(Sergipe - Silvio Romero)

3
O sol já se levanta
Cheio de seu esplendô
Antônio substitue Jesus
Que do castigo nos livrou

(Bahia)

4
O Anti-Cristo chegou
Para o Brasil governá
Mais aí está o Conselheiro
Para dele nos livrá

(Bahia — Euclides da Cunha)

5
Quem quizer remédio santo
Lenitivo para tudo
Procure o Conselheiro
Que êle está lá nos Canudos

(Sergipe)

6
Antônio Conselheiro
Por ser conselheirista
Briga com o governo
Não tem medo da polícia.

(Bahia)

7
Santo Antônio Conselheiro
Era um velho indiabrado
Fez trincheira na Igreja
Sem ser visto nem notado.

8
Antônio Conselheiro
E' home de opinião
Matou Moreira Cesar
E venceu seu batalhão

(Bahia)

9
Antoninbo Conselheiro
E' home de opinião
No barulho de Horácio
Pegava bala na mão

(Bahia)

10
No dia do fogo primeiro
Mataram Antônio Conselheiro

(Bahia)

11
Quem será este selvagem
Este vulgo santarrão
Que encoberto de coragem
Fere luta no sertão

(Rio-João do Rio)

12
Quem tiver sua mulata
Prenda ela no cordão
Que Antônio Conselheiro
Tem unhas de gavião

(Sergipe)

13
Santo Antônio Conselheiro
Escreveu ao Presidente
Que urubú tá de bico doce
De comê carne de gente

(Bahia)

14
Era Antônio Conselheiro
De Canudos no sertão
Resistindo à força armada
Carabina e canhão

(Bahia - Carlos Chiachio)

15
Conselheiro já foi trunfo
Já fez o morto vivê
Porem hoje tá plantado
Nunca mais é de nascê.

(Ceará)

16
Já foi rei, já foi rei na Bahia
Porem hoje tá plantado
No currá da mornaquia

(Ceará)

17
Nosso Antonio Conselheiro
No reconco da Bahia
Brigou treis anos
O Sinhô-Ô-lá-lá
A favô da mornaquia

(Bahia)

18
Antônio Conselheiro
Vai guiando um avião
Chorei, chorei

(Bahia)

19
Coronel Moreira Cesar
Viva nosso Brigadeiro!
Viva o quinto de Policia!
Viva o Exercito brasileiro!

(Bahia)

20
Moreira Cesar
Quem foi que te matou?
Foi a bala de Canudos
Que o Conselheiro mandou

(Bahia)

21
Capitão Moreira Cesar
Chama-se "corta-pescoco"
Veiu agora nesta guerra
Deixar no sertão o osso

(Bahia - A. Peixoto)

22

Capitão Moreira Cesar
Chama-se bota-lombriga
Pois o chumbo é bom purgante
Prá limpeza da barriga

(Bahia - A. Peixoto)

23

Capitão Moreira Cesar
Anda de baixo p'ra riba
Pois o medo é boa purga
P'ra limpeza da barriga

(Bahia - A. Peixoto)

24

Coronel Moreira Cesar
Folha de cana caiana
Tomou chumbo dos jagunços
Foi morrer nas Umburanas

(Bahia)

25

Coronel Moreira Cesar
Nó de cana caiana
Tomou chumbo nas Queimada
Foi morrer nas Umbaranas

(Bahia - A. Peixoto)

26

Capitão Moreira Cesar
Folha de cana caiana
Tomou chumbo nas Porteiras
Foi morrer nas Umburanas

(Bahia — A. Peixoto)

27

Coronel Moreira Cesar
Olhos de cana caiana
Foi ferido nos Canudos
Foi morrer nas Umburanas

(Sergipe)

6

28

Capitão Moreira Cesar
Foi a guerra e não venceu
Está com oito que vence
Nas nove aribú comeu

(Bahia-Pedro Calmon)

29

Capitão Moreira Cesar
Quatorze guerras venceu
A terceira não inteirou
No Belo Monte morreu

(Sergipe)

30

Quando eu fui para Canudos
Moreira Cesar mais eu
Quando eu cheguei em Canudos
Moreira Cesar morreu

31

O povo do Conselheiro
Por atirã como reza
Quando eu cheguei em Canudos
Mataram Moreira Cesar

(Bahia)

32

Capitão Moreira Cesar
Moradô do rio do Su
Foi brigá no Belo Monte
Foi dá carne aos urubús

(Bahia)

33

Moreira Cesar morreu
Ao colocar um canhão
Um jagunço deu-lhe um tiro
No fundo do coração

(Bahia)

7

34

Capitão Moreira Cesar
No seu cavalo alação
Virava-se Jesuino
Venceremos batalhão

35

Venceremos batalhão
Certamente é de vencê
Que pra mandá a noticia
Lá pro Rio de Janeiro

(Bahia)

36

O valente Moreira Cesar
Confiou na valentia
Dirigiu-se ao nosso Belo Monte
Para acabar com o Conselheiro
Quando êle morreu sem brigá

(Bahia)

37

Este Capitão Salomão
Comandante de artilharia
Tambem perdeu a vida
Com Moreira Cesar e Tamarindo
Quando com bravura nos repelia

(Bahia)

38

O Coronel Tupi Caldas
De fato nada temia
Mas perdeu da mesma maneira
Porque os atos do nosso Bom Jesus
Só o nosso Deus desfazia

(Bahia)

39

De Sergipe iam as tropas
A jornada era a pé
Passaram em Varzea da Ema
Tejipan e Macambira
Soldados cheios de fé
E outros cheios de ira
Eles eram comandados
Pelo bravo Savage

(Sergipe)

40

Mandou fazer-me convite
General Artur Oscar
Para eu ir para Canudos
O Conselheiro acabar
Vou-me embora, vou me embora
Quando acabar de dansar

(Ceará-Gustavo Barroso)

41

Artur Oscar
Se você morrer
Ven me buscar?

42

Maria Helena
Se eu morrer
Você tem pena?

(Pernambuco)

43

O Alferes Vanderlei
E' bicho de opinião
Quando foi para Canudos
Foi em frente ao batalhão

(Sergipe)

9

Alferes Francisco Teles
Por ser bicho de arrelia
Quando foi para Canudos
Baixou logo enfermaria

44

(Sergipe)

Tenente Olavo Gonçalves
Diz que um balasio levou
Chegou sem arranhão
Muita bravura contou

45

(Sergipe)

Tenente João
A inspecção foi negada
Usou alho . . . e sal nas botas
Teve febre e perna inchada

46

(Sergipe)

Pobre tenente Zuzarte
Tão valente e denodado
Com fome comeu raízes
E morreu envenenado

47

(Sergipe)

Os urubus de Canudos
Escreveu ao Presidente
Que já tão de bico fino
De comê carne de gente

48

(Sergipe)

10

Quem fôr para Canudos
Leve contas p'ra rezá
Que Canudos é o inferno
Onde as almas vão pená

49

(Sergipe)

Uma velha, muito velha
Das perninhas de socó
Assistiu o batalhão nono
Passar em Cocorobó

50

(Sergipe)

O navio que nos pegou
Era um pouco bandoleiro
Nos pegou na Bahia
Nos levou p'ro Conselheiro

51

(Sergipe)

O navio entrou na barra
O mundo ficou azul
Adeus Barra dos Coqueiros
Capital do Aracaju

52

(Sergipe)

As mulheres de Canudos
Guerrearam gom agna quente
Os meninos com pedradas
Fazem voltar muita gente

53

(Sergipe)

Os jagunços assaltam viveres
Barricas de bacalhan
Os soldados mortos à fome
Comiam raízes de pau

(Sergipe)

11

55

Oh! meu camarada
Quem te trouxe por aqui?
Vim da guerra de Canudos
Mais eu não morri

(Bahia)

56

No dia do fogo cerrado
Mataram todo soldado

(Bahia)

57

Eu de um bem que conto bem
Mas de dois conto tudo
Viva o povo que morreu
Nesta guerra de Canudos

58

D. Sebastião já chegou
E traz muito regimento
Acabando o civil
E fazendo o casamento

(Bahia - Euclides da Cunha)

59

Visita nos vem fazer
Nosso Rei D. Sebastião
Coitado daquele pobre
Que tiver na lei do cão

(Bahia - Euclides da Cunha)

60

Garantidos pela lei
Aqueles malvados estão
Nós temos a lei de Deus
Eles tem a lei do cão

(Bahia - Euclides da Cunha)

12

61

Bem desgraçados são eles
Para fazerem eleição
Abatendo a lei de Deus
Suspendendo a lei do cão

(Bahia - Euclides da Cunha)

62

Casamento vão fazendo
Só para o povo iludi
Vão casar o povo todo
No casamento civil

(Bahia - Euclides da Cunha)

63

Saiu D. Pedro II
Para o Reino de Lisboa
Acabou-se a monarquia
O Brasil ficou atôa

(Bahia - Euclides da Cunha)

64

Este povo está perdido
Está sem arrumação
O culpado disso tudo
É o chefe da nação

(Bahia)

13

BIBLIOGRAFIA

- 1 — *Silvio Romero* — Cantos populares do Brasil — 2.ª ed -Rio
- 2 — *Euclides da Cunha* — Os Sertões — 7.ª ed. — Rio.
- 3 — *João do Rio* — A alma encantadora das ruas — H. Garnier — Livreiro Editor - Rio — 1908.
- 4 — *Carlos Chiachio* — Euclides da Cunha — Aspectos Singulares — Edições ALA.
- 5 — *Pedro Calmon* — História do Brasil na Poesia do Povo — Editora A Noite — Rio.
- 6 — *Afranio Peixoto* — Missangas — Cia. Editora Nacional — S. Paulo — 1931.
- 7 — *Gustavo Barroso* — Ao Som da Viola — Rio — 1949.
- 8 — *João Goyaz* — Seguidilhas de Goiaz — Revista da Lingua Portuguesa — N. 62 — 1928.